

Sintaxe do português em perspectiva construcional: propriedades e desafios

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v48i1.2179>

Mariangela Rios de Oliveira¹

Resumo

Apresenta-se e discute-se neste artigo a abordagem construcional da gramática no nível sintático da língua, bem como seus limites e desafios, a partir do aparato teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), nos termos de Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010, 2015), entre outros. Parte-se do pressuposto de que a língua, em todos os seus níveis, é uma rede de construções, tomadas estas como pareamento simbólico de sentido e forma, com base em Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001); tais construções estabelecem relações verticais e horizontais na rede. Para demonstrar o tratamento construcional no nível sintático da gramática do português, elege-se a construção conectora textual, com base no esquema $[LocV]_{connect}$, a partir da investigação de Rocha (2016). A autora, em perspectiva histórica, identifica e levanta os micropassos contextuais, ou neonálises, que levaram à construcionalização gramatical $[LocV]_{connect}$ na gramática do português.

Palavras-chave: abordagem construcional; sintaxe; mudança linguística; construcionalização gramatical.

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; mariangelariosdeoliveira@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-1474-281X>

Portuguese syntax in constructional perspective: properties and challenges

Abstract

The constructional approach to grammar at the syntactic level of language, as well as its limits and challenges, is presented and discussed in this article; it is based on the theoretical framework of Usage-based Functional Linguistics, as presented by Traugott and Trousdale (2013) and Bybee (2010, 2015), among others. The starting point is the assumption that language is, at all its levels, a network of constructions, taken as a symbolic pairing of meaning and form, based on Goldberg (1995, 2006) and Croft (2001); such constructs establish vertical and horizontal relationships in the network. To demonstrate the constructional treatment in the syntactic level of Portuguese grammar, the textual connector construction was chosen, based on the [LocV]_{connect} scheme, following Rocha's (2016) research. This author, from a historical perspective, identifies and highlights the contextual micro-steps, or neanalyses, that led to the grammatical constructionalization [LocV]_{connect} in the Portuguese grammar.

Keywords: constructional approach; syntax; linguistic change; grammatical constructionalization.

Introdução

O objetivo deste artigo é o de apresentar e analisar, com base na *Linguística funcional centrada no uso* (doravante LFCU), nos termos de Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010, 2015), entre outros, a abordagem construcional da gramática, com foco no nível sintático da língua. A LFCU, como tendência de pesquisa funcionalista mais recente do século XXI, é fruto da aproximação entre o Funcionalismo de vertente norte-americana e os estudos cognitivistas da construção gramatical, tais como os apresentados em Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001), entre outros.

Com base nessa perspectiva de viés construcional, considera-se que a construção, tomada como pareamento simbólico e convencional de função e forma, é a unidade básica da língua, codificada, conforme Traugott e Trousdale (2013, p. 8), no seguinte modelo: [[F] <> [M]]. Nessa configuração, o primeiro eixo [F] designa a forma, especificada em propriedades de natureza sintática, morfológica e fonológica; já o segundo eixo [M]² diz respeito aos traços funcionais, distribuídos em discursivos, semânticos e pragmáticos. De acordo com tal pareamento, o sentido construcional não se restringe à soma das subpartes que compõem a construção; o sentido, de fato, é atingido para além desses constituintes, embora cada subparte seja relevante para a configuração do sentido geral.

2 No original, a marcação [M] significa *meaning*, termo que tem sido traduzido na pesquisa funcionalista como *sentido*, *significado* ou ainda *função*.

A partir do pressuposto referido, a língua é concebida com uma extensa, complexa e interconectada rede de construções, em todos os níveis de análise linguística, tendo como um dos níveis principais justamente o sintático. Na rede, se estabelecem relações verticais, atinentes à hierarquia semântico-sintática dos esquemas, e horizontais, responsáveis pela redundância ou efeito de *degeneração*, nos termos de Van del Velde (2014)³, que leva à variabilidade na língua. Segundo esse autor, os usuários tendem a criar novas construções de sentido correspondente com vistas a intensificar seus propósitos comunicativos, na tentativa de que sejam evitados distúrbios na interação e reforçados determinados sentidos.

Para dar conta dos propósitos aqui referidos, este artigo se encontra distribuído pelas quatro seções a seguir. Na primeira, expõem-se os pressupostos básicos da LFCU, com foco num de seus pilares fundamentais – a perspectiva construcional para a investigação da mudança linguística. Na seção seguinte, é destacado o nível de análise sintático, como um dos contextos fundamentais de mudanças construcionais na gramática do português; nessa seção, defende-se a importância de se considerarem questões atinentes aos contextos interacionais, com a proposta de adoção da taxonomia elaborada por Diewald e Smirnova (2012) para dar conta dos passos rumos à mudança no plano sintático da língua. Na terceira seção, ilustra-se a abordagem construcional por intermédio de um estudo de caso – a construcionalização gramatical que deriva na formação da construção conectora textual formada por pronome locativo e verbo, codificada como [LocV]_{connect}, com base na pesquisa de Rocha (2016), capturando os micropassos, na trajetória do português, que conduzem à criação desse novo nó na rede gramatical da língua. Por fim, tecem-se considerações finais, com vistas não só a destacar a importância do nível sintático para as mudanças construcionais na morfossintaxe do português como também, e até de modo mais enfático, a apontar desafios nessa agenda de pesquisa na LFCU.

LFCU e seus fundamentos básicos

Os pressupostos teóricos da LFCU resultam da interface entre pesquisa de orientação funcionalista norte-americana, na linha de Traugott, Trousdale, Bybee, Heine, entre outros, e a investigação cognitivista voltada para o tratamento da construção gramatical, como se encontra em Goldberg, Croft e outros. Trata-se de uma linha de estudos que redimensiona o papel da estrutura da língua na descrição e análise funcional, promovendo, de certa forma, maior equilíbrio entre forma e função.

Nessa reorientação, os usos linguísticos são compreendidos como resultantes de três motivações básicas: a) as de natureza cognitiva, fundadas nos processos de domínio

³ O termo é cunhado pelo autor na referência à competição pelo uso, à proximidade de sentido que construções possam partilhar.

geral propostos por Bybee (2010); b) as de natureza discursivo-pragmáticas, com base nas condições intra e extralinguísticas em que se processa a interação; c) as de natureza estrutural, atinentes à própria configuração formal da gramática. Essa terceira motivação, fundada na concepção de que a estrutura da língua deve ser levada a sério e tomada como ponto de chegada e também de partida da mudança linguística, é o foco de atenção maior neste artigo.

Conforme Bybee (2010, 2015) e Traugott e Trousdale (2013), processos de mudança linguística são forjados no uso, nas práticas interativas da comunidade linguística. Uma vez convencionalizadas via neoanálises sucessivas, tanto por fatores de ordem cognitiva, atinentes à experiência dos usuários, quanto por fatores de produtividade, pelo modo regular e ritualizado com que são instanciadas, tais práticas se fixam na comunidade linguística e podem concorrer para a formação de construções, de esquemas, como padrões virtuais que vão fornecer a base ou o modelo para a produção de novas formas de dizer, via analogização (FISCHER, 2009).

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), ocorre *construcionalização*, no plano lexical ou gramatical, por intermédio da criação de um pareamento inaugural, com forma e significado novos, via neoanálises⁴; esse processo deriva em um novo nó na rede de construções da língua, no *constructicon*. Uma vez fixada, a nova construção se paradigmaticiza, nos termos de Diewald e Smirnova (2012), dado que passa a integrar, como mais um membro, uma categoria, lexical ou gramatical, da língua. Via de regra, construções mais recentes, resultantes da criação desses novos nós, representam membros marginais da categoria, destituídos de traços categoriais mais gerais, tendo, por conseguinte, menor visibilidade como elementos pertencentes à nova classe que passam a integrar. Outra contribuição teórica trazida por Traugott e Trousdale (2013) é o pressuposto da *mudança construcional*, definida como aquela que afeta o aspecto de uma construção existente, no eixo da forma ou do sentido. Para haver construcionalização, é necessário que tenha havido mudança construcional prévia, que, de partida, se inicia pelo eixo do sentido, uma vez que este é negociado e *sugerido* entre os interlocutores, gerando polissemia e inferências que motivam padrões fixos e convencionais na gramática (TRAUGOTT; DASHER, 2002).

Traugott e Trousdale (2013) estabelecem ainda três propriedades construcionais gradientes, que podem ser tomadas como parâmetros de investigação, como demonstram Rosário e Oliveira (2016) para construções do português. A primeira propriedade é a *esquematicidade*, que se refere ao nível de categorização e abstração construcional;

4 Como Traugott e Trousdale (2013), adota-se aqui o termo *neoanálise* no lugar do tradicional rótulo *reanálise*, na referência aos micropassos que levam à mudança linguística, a partir do entendimento de que se trata de nova representação na mente do usuário e não retomada de algo já representado.

assim, quanto mais esquemática uma construção, por exemplo, SVO, SN, SV ou SPrep, mais convencional e geral é seu sentido e mais suas subpartes constituem *slots*⁵ a serem preenchidos em subesquemas e microconstruções específicas. A segunda propriedade é a *produtividade*, que diz respeito a parâmetros de frequência, tomada como recorrência tanto do uso, do construto ou do *token*, quanto do padrão ou do tipo de esquema instanciado, do *type*, segundo os mesmos autores. Considera-se que a produtividade, de uma perspectiva histórica, pode se alterar, portanto, construções produtivas numa determinada sincronia podem se tornar menos produtivas ou até mesmo obsoletas, dando lugar a outras formas de dizer. Por fim, cita-se a propriedade de *composicionalidade*, que se situa contrastivamente à esquematicidade, uma vez que aquela está relacionada ao grau de transparência entre forma e sentido no pareamento construcional; quanto maior a composicionalidade, maior a integridade semântico-sintática das subpartes; quanto menor a composicionalidade, menor é essa integridade e maior a esquematicidade, o nível de abstração do esquema.

Na pesquisa da construcionalização e da mudança construcional, assume-se, como Traugott e Trousdale (2013), a seguinte perspectiva hierárquica, que capta três níveis distintos de esquematicidade, representativos de *types*, ou modelos virtuais, e um nível situado no plano mais inferior, concernente ao uso efetivo, o *token*:

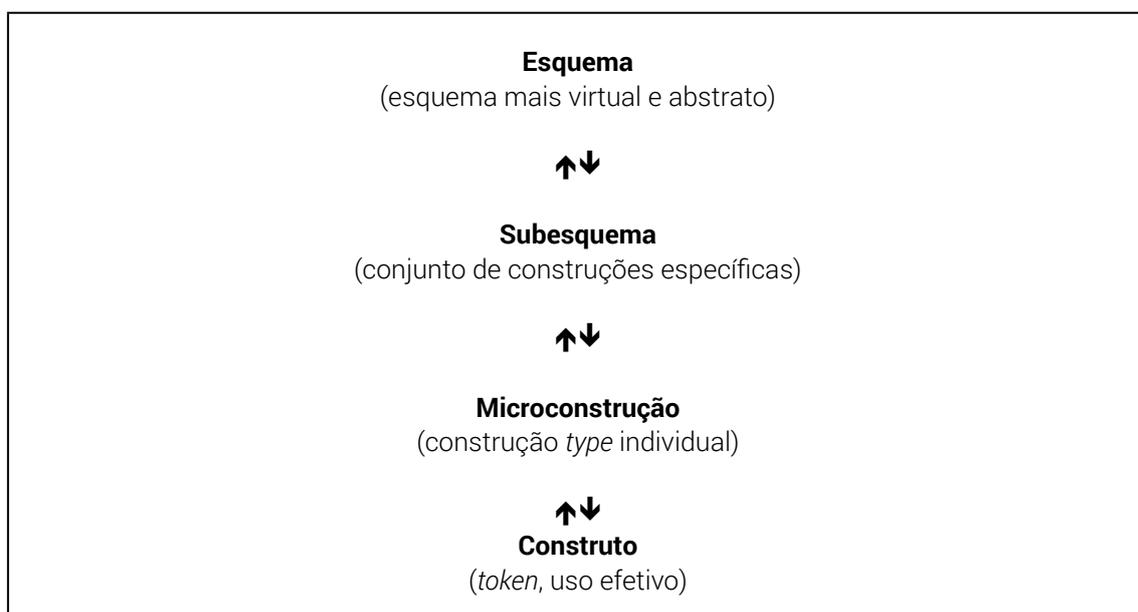


Figura 1. Níveis hierárquicos construcionais, com base em Traugott e Trousdale (2013, p. 17)

⁵ *Slots* são subpartes abertas de uma construção, passíveis de serem preenchidas e instanciadas por distintos constituintes.

Na Figura 1, as setas para cima (↑) representam a mudança gramatical como rota de construcionalização, na criação de pareamentos cada vez mais convencionais, capazes de serem captados na história da língua. As setas para baixo (↓) constituem mudança gramatical como mudança construcional analógica, partindo dos modelos existentes para replicação de outros. A Figura 1 ilustra ainda quais construções exibem distintos e variados níveis de vinculação forma/sentido, na demonstração da emergência e gradualidade das categorias gramaticais, como destacado em Bybee (2010, 2015). O esquema pode se distribuir em vários subesquemas, como famílias mais específicas da construção maior; cada subesquema, por sua vez, se desdobra em distintas microconstruções, como padrões particulares a serem instanciados via uso linguístico. Como se pode observar, o construto, correspondente ao nível de uso efetivo, à instanciação construcional, é o lócus da mudança, ponto de partida e de chegada, espaço interativo onde se convencionalizam formas de dizer e, uma vez estas convencionalizadas simbolicamente, fornecem modelos para novos usos.

Sintaxe em perspectiva construcional

Para dar conta do papel do nível sintático no tratamento construcional preconizado pela LFCU, retomamos o ciclo funcional (GIVÓN, 2012), tal como ilustrado na seguinte trajetória, atinente à versão clássica⁶ dos estudos funcionalistas:

discurso > sintaxe > morfologia > morfonêmica > zero

Figura 2. Ciclo funcional givoniano para a mudança linguística

A Figura 2 demonstra que a sintaxe é o segundo nível gramatical impactado ou motivado pelas propriedades textuais e pragmático-discursivas da interação. No nível sintático, são regularizadas formas de expressão inicialmente retóricas, criativas e individuais. De acordo com Givón (2012, p. 272), a sintaxe é uma instância dependente, “funcionalmente motivada, cujas propriedades formais refletem – talvez não completamente, mas em grande proporção – as propriedades dos parâmetros explanatórios que motivam seu surgimento”.

O fato de, no ciclo funcional ilustrado na Figura 2, a sintaxe ocupar o segundo patamar, numa escala de cinco patamares, indica que, embora haja convenção e sistematização nesse nível, trata-se também de um ponto que exhibe ainda instabilidade categorial, com manutenção de traços da iconicidade original dos usos linguísticos e a convivência de

⁶ Assim se nomeiam as décadas iniciais da pesquisa funcionalista, voltadas para estudos de gramaticalização de itens específicos, com foco em aspectos funcionais e icônicos de modo mais evidente.

distintos estágios de vinculação semântico-estrutural. Esse, inclusive, é um dos fatores que fazem com que a LFCU seja, como objeto de pesquisa, uma série de construções no plano morfossintático.

Na investigação da sintaxe em perspectiva construcional, destaca-se o papel das relações contextuais e cotextuais, como defendido por Traugott e Trousdale (2013). O *contexto* é compreendido em termos gerais, como o componente linguístico amplamente interpretado, envolvendo sintaxe, morfologia, fonologia, semântica, inferência pragmática, modalidade (fala/escrita) e, por vezes, fatores sociolinguísticos e discursivos mais amplos. Já o *cotexto* é tomado como o ambiente estritamente definido, limitado às restrições de seleção de elementos da cláusula ou oração.

Conforme Traugott e Dasher (2002, p. 40), a mudança linguística, que também é responsável por mudanças construcionais, cumpre a seguinte rota inicial:

não-subjetividade > subjetividade > intersubjetividade

Figura 3. Trajetória de (inter)subjetividade

De acordo com os autores, o sentido intersubjetivo é crucial para deflagrar a mudança linguística, na medida em que o locutor/escritor age sobre o ouvinte/leitor, convidando este a partilhar/negociar crenças, atitudes e pontos de vista⁷. Nessa negociação intersubjetiva, que é o ponto final da rota apresentada na Figura 3, não está prevista a objetividade, mas sim sentidos não ou menos subjetivos, que daí passam a expressar o ponto de vista do locutor/escritor e, nessa trajetória, atingem o ouvinte/leitor. A negociação de sentidos assim distribuída é responsável pelos estágios iniciais da mudança linguística, quando inferências, pressupostos e polissemia passam a marcar os contextos de uso.

Assim posto, destaca-se o papel das propriedades e pressões contextuais para a fixação de padrões sintáticos. Alguns pontos de reflexão passam a figurar na agenda de pesquisas da LFCU, por exemplo: a) Se a mudança linguística não ocorre em itens isolados e tem gradiência, então é preciso considerar as propriedades contextuais também em termos escalares; b) Como classificar contextos de uso, no nível do *token*, e relacioná-los com a construcionalização e a mudança construcional, no nível do *type*, do esquema virtual?; c) Que tipologia contextual é capaz de dar conta da escalaridade e da gradualidade da mudança linguística?

⁷ Trata-se da *inferência sugerida*, pressuposto que tem sido usado como tradução para o original *invited inference*, cunhado por Traugott e Dasher (2002), na referência à negociação de sentidos intersubjetivos em contextos específicos.

Na investigação específica desses ambientes semântico-sintáticos mais amplos, motivadores da mudança gramatical, destaca-se a proposta de Diewald e Smirnova (2012). Nessa proposta, padrões de uso se iniciam em contextos *normais*, ou seja, em ambientes nos quais predominam sentidos referenciais e menos subjetividade.

O segundo estágio contextual, mais subjetivo, em que ambiguidades e inferências são instauradas, é classificado por Diewald e Smirnova (2012) como *atípico*. Nesse ambiente, as subpartes começam a perder composicionalidade, em prol da maior vinculação semântica, em que inferências e polissemias passam a ocorrer.

De acordo com as referidas autoras, na fase de transição contextual, há ainda um estágio mais avançado, para além do contexto atípico, antes de se atingir a fase mais convencionalizada ou isolada. Trata-se do contexto *crítico*, estágio no qual, a par de inferências sugeridas e implicaturas, a opacidade categorial do padrão de uso exhibe também evidências estruturais. Em outros termos, fatores de ordem formal, além dos semântico-pragmáticos, passam a interferir e a reorientar a funcionalidade e a incrementar a esquematicidade do padrão.

Por fim, Diewald e Smirnova (2012) apontam o estágio contextual mais avançado, intersubjetivo e esquemático, nomeado pelas autoras de *isolamento*. Esse contexto configura a mudança linguística efetivada, em que o novo constituinte se destaca e se isola em relação àquele de que se originou.

As autoras propõem que a paradigmaticização, entendida como a inserção do novo/ isolado membro resultante da mudança construcional no paradigma da gramática da língua, seja vista como o quinto estágio contextual. Nesse sentido, uma vez havida a convencionalização, com a criação de um novo nó na rede linguística, ou de um novo subesquema ou de uma nova microconstrução, o novo constituinte passa a integrar efetivamente determinada classe gramatical, aumentando a lista de membros dessa classe, ampliando-se o paradigma. Assim, ao se consumir a mudança gramatical, resultante de um gradiente contextual mais específico, o novo membro se generaliza na rede, podendo ser instanciado e identificado pelos usuários como efetivo componente da gramática, numa classe específica.

Na Figura 4, a seguir, sumariza-se a proposta de Diewald e Smirnova (2012), a ser adotada para a descrição e a análise da [LocV]_{connect} na próxima seção deste artigo:

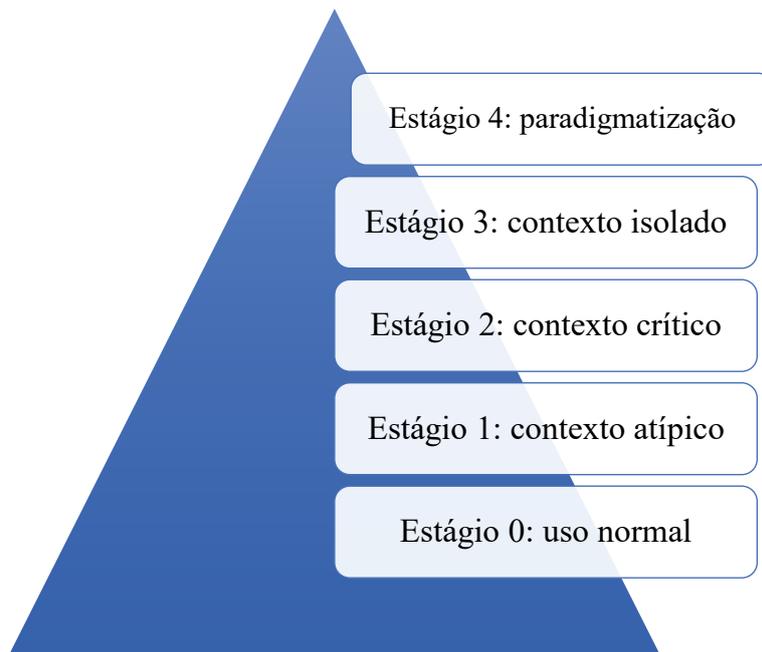


Figura 4. Estágios contextuais segundo Diewald e Smirnova (2012)

Embora os contextos elencados na Figura 4 sejam tomados como um *cline*, em perspectiva histórica, trata-se de ambientes que exibem, em termos sincrônicos, gradiência. Assim, no português contemporâneo podem conviver os quatro contextos, que, por hipótese, levando-se em conta a gradualidade da mudança linguística, são representativos de estágios distintos de crescente vinculação semântico-sintática rumo à formação de novos membros categoriais da língua, de novas construções.

Estudo de caso: a construcionalização gramatical [LocV]_{conect}

Nesta seção, ilustra-se o tratamento construcional na perspectiva da LFCU por intermédio da descrição e análise da [LocV]_{conect} com base nos resultados obtidos por Rocha (2016). A [LocV]_{conect} é classificada como um esquema altamente vinculado em termos semântico-sintático, distribuído em *types* específicos, ou microconstruções, como *aí está*, *aqui está*, *lá vem*, *lá vai*, entre outros, instanciados em contextos como os seguintes:

- (01) - *Deve fazer umas quadrinhas novas... Porque não faz?*
 - *Fiz já.*
 - *Pode recitar?*
 - *Pois não.*
 - *Diga lá:*
 - **Lá vai:** *Ai, Filomena, se eu fosse como tu, punha uma máscara na cara do Dudu.* (Século XX, Brasil)

(02) *Justamente, ele deixou, parece, a caneta. Pôs a caneta a fazer música e letra para as suas músicas, não é? A. M. **Lá está**, foi uma maneira de se expressar, outras pessoas tiveram outras formas de se expressarem.* (Século XX, Portugal)

(03) *Conheci, mais e de súbito, que essas confissões de autores são coisa perigosa: se se diz pouco, parece simplicidade afetada e insincera; se se diz um tanto mais, parece fatuidade e pedanteria. Quis fugir à resposta; mas estava preso pela promessa. Palavra de tabaréu não torna atrás... **Aí vai**, pois. Em mim o caso literário é complicadíssimo e anda tão misturado com situações críticas, filosóficas, científicas e até religiosas, que nunca o pude delas separar, nem mesmo agora para lhe responder.* (Século XX, Brasil)

Nos fragmentos (01), (02) e (03), extraídos de Rocha (2016) e levantados pela autora no site *Corpus do português*⁸, encontram-se, respectivamente, os construtos *lá vai*, *lá está* e *aí vai* na função de conectores textuais. Nessa função, os três pareamentos articulam porções de texto mais amplas, num movimento anafórico, que retoma o que foi declarado, e catafórico, que expande e amplia a referida declaração. Essas relações se dão no plano sintático da língua e estabelecem noções mais abstratas, intersubjetivas e lógicas.

Como se pode observar a partir dos três fragmentos apresentados, a $[\text{LocV}]_{\text{conect}}$ é classificada como um esquema: a) complexo, porque formado por duas subpartes; b) esquemático, porque tais subpartes configuram-se como *slots* a serem preenchidos na formação de microconstruções; c) procedural, porque veicula conteúdo gramatical, voltado para o estabelecimento de relações textuais mais amplas, no nível sintático, em prol da conexão textual.

A construcionalização gramatical $[\text{LocV}]_{\text{conect}}$ conduz ao incremento da classe dos conectores textuais lógicos do português, com a paradigmática de mais um de seus membros, nos termos de Diewald e Smirnova (2012). Os conectores textuais integram uma categoria mais avançada no *continuum* da mudança linguística, se comparada a outras classes da gramática do português, como nomes, verbos e mesmo advérbios. Construções que hoje atuam na função gramatical da conexão já cumpriram, em sincronias mais antigas da língua, como termos menos vinculados em sentido e forma, funções mais lexicais, como atestado por Martelotta (2011), entre outros.

A classe dos conectores tem sido ampliada pela paradigmática de membros resultantes da negociação e da convencionalização de sentidos mais abstratos e intersubjetivos, no estabelecimento de relações lógicas motivadas por inferências emanadas da relação entre os atores da interação. A $[\text{LocV}]_{\text{conect}}$ tem sua instanciamento no uso e sua produtividade motivadas por fatores de ordem pragmático-discursiva.

⁸ Disponível em www.corpudoportugues.org.

Nesse esquema, como ilustrado em (01), (02) e (03), as subpartes Loc e V se encontram altamente integradas, de modo que traços de suas respectivas categorias originais, pronome locativo e verbo, respectivamente, se opacizam em prol da articulação de um só sentido gramatical, que atua na articulação de porções textuais mais amplas, conectando-as logicamente no plano sintático da língua.

Na pesquisa da $[\text{LocV}]_{\text{conect}}$ em perspectiva histórica, Rocha (2016) assume que se trata de uma construcionalização gramatical, motivada por sucessivas neanálises verificadas no nível sintático do português. Como fonte empírica, a autora elege textos escritos do português europeu e do brasileiro, integrantes do *site* eletrônico *Corpus do português*. Em termos de metodologia, sua investigação tem viés qualitativo e quantitativo, com foco nos micropassos que conduziram à criação da construcionalização em estudo, na observação de seus níveis de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Como modelo de análise contextual, Rocha (2016) adota a taxonomia proposta por Diewald e Smirnova (2012), capaz de detectar os estágios que levaram à criação do esquema estudado, como ilustrado na Figura 4 da seção anterior.

São selecionadas, por sua produtividade mais alta no *corpus* da pesquisa, seis microconstruções para levantamento e análise: *aí está, lá está, aqui está, lá vai, aí vem* e *aí vai*. Esses seis *types* específicos, com base nos traços semânticos da segunda subparte [V], se distribuem conforme a seguinte hierarquia construcional:

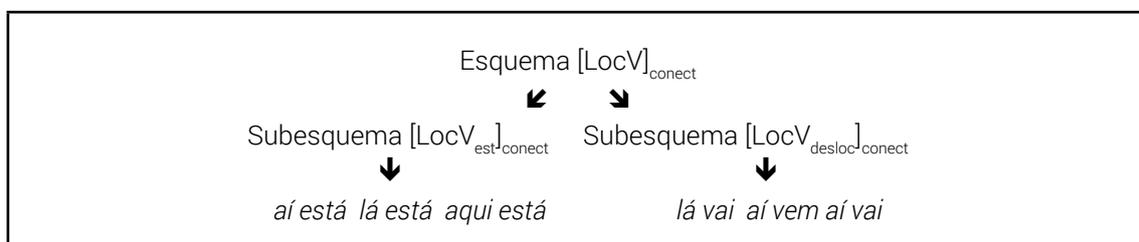


Figura 5. Hierarquia contextual da $[\text{LocV}]_{\text{conect}}$

Como se pode observar pela Figura 5, a $[\text{LocV}]_{\text{conect}}$ tem como subesquemas duas formações que se distinguem com base no tipo semântico da subparte [V], tendo-se, portanto, dois grupos: a) de base verbal estativa, em microconstruções do tipo *aí está, lá está, aqui está*; b) de base verbal de deslocamento, em microconstruções como *lá vai, aí vem, aí vai*. Tal distinção tem impacto nos *types*, conferindo, ou não, dinamicidade ao sentido lógico articulado.

Um dos resultados da pesquisa de Rocha (2016) foi o de detectar ser a microconstrução *aí está* o membro exemplar da $[\text{LocV}]_{\text{conect}}$. De acordo com Bybee (2010, 2015), o exemplar de uma categoria é aquele constituinte que é tomado pela comunidade linguística como o protótipo, o elemento que porta os traços básicos da classe e que se situa em seu

eixo central. Uma das motivações para tal detecção tem a ver com o fato de que *aí está* foi a microconstrução da [LocV]_{connect} com registro de instanciação mais antiga no *corpus* pesquisado em contextos de mudança linguística, atinentes aos estágios 1 e 2, respectivamente contexto atípico (século XVIII) e crítico (século XIX), como assumidos por Diewald e Smirnova (2012). A microconstrução *aí está* é também o único *type* que, a partir do século XIX, é levantado em contexto isolado como conector textual, dado que os demais somente passam a cumprir tal função em textos do século XX, como atestam os fragmentos a seguir:

(04) *Capitolo XVIII^o como o comde pos primeiramemte as atallaias & em que lugares, & como os mouros vieram, & da escaramuça que hii ouve. Amtre as cousas que o comde ordenou pera guarda da çidade assy foram as atallaias, **as quaes foram postas logo primeiramemte sobre Barbaçote, em hû outeiro que hii está.** & no dia seguymte que hordenarão mamdou o comde hû de cavallo que fosse por hos homës ã ellas, o qual, amdando çercamdo a çidade pera descobrir allgûs mouros, se hos hii avia, sayram a elle hûa soma delles que jaziam escomdidos & começarão de ho seguyr.* (Crónica do Conde D. Pedro de Meneses, 1400-1500)

(05) *De versu agitur to pag. 329. 13. * Vertex, icis, || redemoinho de vento, ou de agoa: moleira da cabeça, cume de qualquer cousa, pólo do Ceo. 151. 2. * Verto, is, || volver, virar, verter, mudar, revolver, * Activ. Vertis id mihi vitio, || attribuis-me, imputais-me isso a vicio. * In eo res vertimur, **||ahi está o ponto da cousa**, nisso consiste 194. 24. 233. * fin. Veru, u, || espeto, ou zaguncho, * dativ. & abl. Pl. Verubus. 125. 18. Vervex, ecis, || o carneiro castrado. 309. 3. * Vesanus, a, um, || cousa louca, sem onse, furiosa: * Vesania, ae, || falta de onse, ou loucura 304. * fine. Vescor, eris, || comer, apascentar-se, sustentar-se: * Apud Virg. Vesci aurâ, || viver 178. * fin. 226.6. 21. Vesper, (Manuel Alvares, Gramatica, 1744)*

(06) *E por isso, disse ao pequeno a verdade: disse-lhe que num momento de loucura, o papá tinha dado um tiro em si. – E ele? – E ele, replicou Afonso sorrindo, perguntou-me quem lhe tinha dado a pistola, e torturou-me toda uma manhã para lhe dar também uma pistola. **E aí está o resultado dessa revelação:** é que tive de mandar vir do Porto uma pistola de vento. Mas, sentindo Carlos em baixo, aos berros ainda pelo avô, os dois apressaram-se a ir admirar a corujazinha. Vilaça ao outro dia partiu para Lisboa. Passadas duas semanas, Afonso recebia uma carta do administrador, trazendo-lhe, com a adresse da Monforte, uma revelação imprevista. Tinha voltado a casa do Alencar; e o poeta, recordando outros incidentes da sua visita a Mme. (Queirós, Maias, 1800)*

(07) *Com que direito intervém? Eu tenho ou não tenho razão? Fui ou não fui caloteado? Eusébio – Home, o sinhô se cale! Olhe que eu sou mineiro! Lourenço – Não me calo, ora **aí está!** E declaro que não me retiro daqui sem estar pago e satisfeito! (Senta-se) Eusébio – Seu home, olhe que eu..! Lourenço (Erguendo-se) – Eh! Lá! Eh! Lá! Agora sou eu que lhe digo que se cale! O senhor não tem o direito de abrir o bico.. Lola (Chorando) – Que vergonha! Que vergonha! Eusébio (À parte) – Coitadinha.. Lourenço – A principio supus que o senhor fosse o amante desta senhora. (Azevedo, Capital, 1800)*

O fragmento (04) traz o uso normal da sequência LocV; nesse contexto, de base narrativa, o pronome *hii* atua como típico advérbio locativo, que remete anaforicamente a um espaço físico, enquanto a forma verbal *está* é usada também prototipicamente como intransitiva. Preponderam sentidos menos subjetivos em toda a sequência, que tem nos marcos espaciais um de seus pontos centrais.

Já o exemplo (05), referente ao século XVIII, ilustra o contexto atípico da sequência Loc V. O fragmento, retirado de obra gramatical, constitui um tipo de verbete. A atipicidade contextual é identificada nesse uso tanto pela posposição do sujeito de *está*, o sintagma nominal *o ponto da cousa*, quanto pelo fato de esse termo não portar os traços semânticos prototípicos da classe sintática sujeito, ou seja, não ser humano, agentivo, volitivo, entre outros traços. Trata-se de uma sequência de base expositiva e veiculadora de sentido mais abstrato face ao fragmento (04), o que concorre para que polissemias e inferências se instaurem também.

O fragmento (06), para além da posposição do sujeito *o resultado dessa revelação*, tal como observado em (05), traz ainda, a anteceder *aí está*, o conector aditivo *e*. Com essa estratégia contextual, em sequência dialógica, representativa de discurso direto, instaura-se a criticidade contextual, correspondente ao estágio 2 de Diewald e Smirnova (2012). Além de ambiguidade de sentido, essa etapa, que antecede a efetiva mudança gramatical, é marcada também por ambiguidade estrutural, na demonstração do estágio mais avançado desse *cline*. No caso específico de (06), o uso do conector *e*, a anteceder *aí está*, e a posposição do sujeito não prototípico *o resultado dessa revelação*, concorrem para que se possa admitir distintas leituras e níveis de integração de constituintes, como, por exemplo: *E [aí está] o resultado dessa revelação; [E aí está] o resultado dessa revelação; [E aí] [está o resultado dessa revelação]*. Essas possibilidades interpretativas conferem a marca da criticidade contextual ao fragmento.

Por fim, em (07), encontra-se o contexto isolado, em que se efetiva a construcionalização gramatical [LocV]_{connect}. Nesse estágio, *aí está* funciona em prol da conexão textual, num arranjo marcado por menor composicionalidade; as subpartes atuam em mais alto nível de vinculação semântico-sintática, na articulação de sentido gramatical. Assim instanciada a [LocV]_{connect}, já não se pode atribuir papel de sujeito a qualquer SN, seja anteposto ou posposto à subparte [V]. Ademais, a subparte [Loc] também destitui-se de traços da classe dos advérbios, concorrendo para o sentido geral mostrativo no pareamento instaurado em papel de afixoide⁹.

9 De acordo com Booij (2010, 2013), considera-se afixoide como subparte periférica de construções mais complexas, como constituinte mais leve, em termos de sentido e forma, que, vinculado a outros elementos nucleares, concorre para a configuração de esquemas específicos, tal como Loc no esquema [LocV]connect.

Na Tabela 1, apresenta-se o levantamento dos estágios contextuais de *aí está* no português, com base em Rocha (2016). Deve-se destacar certa discrepância de dados no século XIX, que tem 344 registros face aos 507 dados gerais; tal condição se deve ao maior número de fontes escritas desse século no *Corpus* do Português:

Tabela 1. Trajetória dos estágios contextuais de *aí está*

Sincronia	Uso normal	Cont. atípico	Cont. crítico	Cont. isolado	Total
Séc. XX	45	53	5	52	155
Séc. XIX	119	109	8	108	344
Séc. XVIII	0	2	0	0	2
Séc. XVII	2	0	0	0	2
Séc. XVI	3	0	0	0	3
Séc. XV	1	0	0	0	1
Total	170	164	13	160	507

O levantamento apresentado na Tabela 1 traz resultados relevantes. Um deles, ilustrado no fragmento (05), diz respeito ao registro de dois contextos atípicos de *aí está* no século XVIII; trata-se da mais antiga sincronia em que sequências textuais passam a motivar inferências e polissemias face ao uso normal desses constituintes, como efetivos Loc e V, respectivamente. Outro resultado apontado pela Tabela 1 está em consonância com a proposta de Diewald e Smirnova (2012), segundo a qual o contexto crítico é tomado como de menor produtividade face aos demais, por ser a etapa final de transição rumo à efetivação da mudança linguística; dos 507 registros contextuais, somente 13 se referem a contextos críticos, registrados somente a partir do século XIX. O terceiro resultado relevante é a consolidação, e, portanto, a paradigmaticização da $[LocV]_{connect}$ na rede construcional do português também a partir do século XIX. Embora haja mais dados do século XIX (344 registros) do que do século XX (155 registros), em termos proporcionais, observa-se a maior produtividade da $[LocV]_{connect}$ no século XX. Outra constatação destacada na Tabela 1 é a convivência, ao longo das sincronias do português, dos distintos estágios contextuais de vinculação semântico-sintática de *aí está*, na demonstração de que mudança linguística não implica necessariamente substituição linguística, pelo contrário, via de regra, distintos e relacionados padrões de uso tendem a conviver e a competir pela instanciação nas interações.

As demais microconstruções da $[LocV]_{conect}$ somente são registradas a partir do século XX nas fontes documentais do *Corpus do Português*. A seguir, na Tabela 2, registra-se a produtividade dos seis *types* pesquisados por Rocha (2016), com base nos estágios contextuais já referidos:

Tabela 2. Produtividade dos estágios contextuais de LocV

Contexto	Aí está	Lá está	Aqui está	Lá vai	Aí vem	Aí vai	Total
Normal	45	131	68	44	28	8	324
Atípico	53	5	11	15	9	7	100
Crítico	5	4	6	29	6	11	61
Isolado	52	4	9	3	13	3	84
Total	155	144	94	91	56	29	569

A Tabela 2 aponta a frequência das seis microconstruções mais instanciadas com base no esquema $[LocV]_{conect}$ no século XX, identificando ainda os contextos de uso em sua gradiente. Dos 569 registros gerais, observa-se que o contexto normal, em que Loc e V constituem membros de suas respectivas categorias-fonte, é ainda o mais produtivo na língua, com 324 dados; contextos atípicos perfazem 100 registros; contextos críticos, os menos produtivos, totalizam 61 dados; e, mais relevante, instâncias de uso da $[LocV]_{conect}$ representam 84 registros, evidenciando a consolidação dessa construcionalização gramatical. Tal como observado pela Tabela 1, a Tabela 2 aponta a competição pelo uso dos quatro estágios contextuais no português do século XX. Das seis formações levantadas na Tabela 2, ratifica-se a maior produtividade de *aí está*, com 155 dados gerais, dos quais 52 representam instanciações da $[LocV]_{conect}$. Portanto, em ambas as tabelas, evidencia-se a exemplaridade dessa microconstrução no esquema $[LocV]_{conect}$.

Considerações finais

Reservam-se para esta seção final comentários e reflexões acerca dos resultados obtidos a partir da adoção, por parte da LFCU, da perspectiva construcional na investigação da mudança linguística no nível sintático da gramática. Também se incluem aqui questões ainda em aberto nessa área de pesquisa, que constituem alternativas, de ordem teórica e metodológica, a (re)orientar ou corrigir esse caminho.

O primeiro ponto a ser destacado é o da consideração do nível discursivo-textual como estágio 0, ou uso normal da língua, para os micropassos que conduzem à construcionalização gramatical no plano sintático. Embora, como já apontado por Givón (2012) na Figura 2, o plano discursivo fosse considerado primeiro elemento do ciclo funcional, base para mudança linguística, esse plano era visto, de modo mais exclusivo, como esfera de uso basicamente individual, criativo e inaugural, levando em conta as condições pragmáticas da interação. Na abordagem construcional da gramática hoje praticada pela LFCU, o discurso é considerado também como padrão que exhibe estrutura mais ou menos fixa, que se forja mediante a instanciação de esquemas componentes da rede construcional, do *constructicon*. Em outros termos, a criatividade e a individualidade do plano discursivo são obtidas mediante o uso de construções já disponíveis na língua.

Essa condição vincula de modo mais explícito a assunção, de base cognitivista, da não distinção entre léxico e gramática. Nesse ponto, de modo distinto, a LFCU considera que há, na gramática das línguas, categorias de sentido mais pleno, como nomes e verbos, face a outras de sentido mais gramatical ou procedural, como conectores textuais e marcadores discursivos, além de outras situadas no trânsito entre tais sentidos, como pronomes e advérbios, por exemplo. Assim posto, a construcionalização e a mudança construcional ocorridas no plano sintático, que criam novos membros no paradigma categorial, refletem a derivação *léxico > gramática*, dado que, via de regra, a origem da mudança tende a se dar a partir de contextos em que preponderam sentidos de conteúdo mais pleno e menos subjetivo, rumo a usos mais intersubjetivos, de conteúdo lógico. Essa trajetória está ilustrada na seção anterior, a partir dos micropassos que levam, no português, ao esquema [LocV]_{connect}.

Nesse ponto, é preciso destacar alguns desafios que se apresentam hoje para a LFCU. Um deles é o de identificar, na pesquisa histórica, em que ponto se está diante de uma mudança construcional ainda ou de uma efetiva construcionalização, da criação de um novo pareamento esquemático, de um novo elemento categorial da gramática. Em termos gerais, até mesmo na aplicação da taxonomia contextual de Diewald e Smirnova (2012), tem cabido ao analista a fixação dos fatores a serem levados em conta para a identificação dos usos normais e dos contextos atípicos, críticos e isolados. Muitas vezes, ao lidar com os dados de pesquisa, em seu lócus de instanciação, principalmente em viés histórico, essa eleição e aplicabilidade de parâmetros contextuais se revela complexa e, por isso mesmo, desafiadora. Levando-se em conta as propriedades contextuais, tais como apresentadas neste artigo, cresce o nível de complexidade para a fixação desses parâmetros.

Considerando-se ainda a taxonomia contextual tomada como base teórico-metodológica de trabalho da LFCU, outra questão desafiadora tem sido a de se assumir e testar sua aplicabilidade para a pesquisa de viés sincrônico, uma vez que o modelo foi concebido para o tratamento histórico da mudança linguística. Postula-se ser possível adotar

a referida proposta na investigação de usos de uma dada sincronia, no estudo da gradiência e da variabilidade linguísticas, como defendido por Bybee (2010, 2015). Assim sendo, será necessário também pensar alternativas até mesmo para termos como *construcionalização*, uma vez que, como concebido e definido por Traugott e Trousdale (2013), é tomado em perspectiva histórica.

Ainda a partir da taxonomia contextual referida, também é necessário verificar se mais de um ambiente contextual pode levar a uma mesma rota de mudança construcional e conseqüente construcionalização. Dada a maior maleabilidade do plano discursivo, considera-se que possa haver mais de um estágio 0, ou uso normal, como fonte para mudança no plano sintático. De acordo com tal assunção, a construcionalização pode ser resultante de distintas rotas de contextos atípicos, que vão concorrer para a consolidação da mudança linguística. Também atinente ao que se tem postulado em termos dessa taxonomia, é preciso testar se, de fato, contextos críticos são menos produtivos na língua.

Outro desafio hoje assumido pela LFCU reside na proposta de se subcategorizar o eixo do sentido, a partir da hierarquia construcional *esquema*, *subesquema* e *microconstrução*, como defendida por Traugott e Trousdale (2013). Se o esquema, como pareamento de sentido e forma, é hierárquico, então ambos os eixos devem ser passíveis de hierarquização. Assim posto, é preciso especificar e identificar essa hierarquia com base no viés do conteúdo e da estrutura. Nesse caso, por exemplo, como apresentado na Figura 5, em termos da [LocV]_{connect}, a conexão textual é tomada como função gramatical no nível do esquema, enquanto o sentido, conteúdo mais específico, estaria no nível dos subesquemas e microconstruções; já o significado, como conteúdo emanado das relações contextuais, do efetivo uso linguístico, seria atinente ao construto. Trata-se de uma proposta ainda em fase de elaboração¹⁰, mas já considerada como necessária para a pesquisa construcional na LFCU.

Por fim, porém não menos relevante, fica o desafio de se testar, como pesquisas em desenvolvimento atual estão demonstrando¹¹, que neanálise e analogização, enquanto mecanismos básicos da mudança linguística em viés histórico, podem atuar em conjunto. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), analogização é posterior aos micropassos que criam os esquemas a partir dos quais novos padrões de uso são convencionalizados. Nesse sentido, seria de se esperar que, uma vez ocorrendo construcionalização, o incremento da hierarquia esquemática seria obtido por intermédio de sucessivas analogizações, como mecanismos mais instantâneos de mudança construcional. Mas não é assim que a pesquisa empírica tem demonstrado, e, por conta dessa condição,

10 Refinamentos teóricos desse tipo têm sido desenvolvidos no contexto do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*, com divulgação para a comunidade acadêmica prevista para 2019.

11 Trata-se de investigações desenvolvidas em torno de marcadores discursivos de base verbal perceptivo-visuais, como *olha aí* e *vê lá*, e de construções de grau intensificador como [para lá de X_{adj}], em formações como *para lá de bacana* ou *para lá de fofos*.

postula-se que neoanálise e analogização possam ocorrer concomitantemente; assim, uma vez criado um esquema, novas neoanálises podem continuar a ocorrer em paralelo à replicação do esquema via analogia. Ou seja, um novo subesquema ou uma nova microconstrução podem ser criados concomitantemente tanto por neoanálises sucessivas quanto por analogização.

Enfim, a agenda de pesquisa da abordagem construcional na LFCU é grande e complexa, envolvendo tanto a continuidade da investigação de esquemas como a revisão teórico-metodológica dos fundamentos que orientam essa investigação, que tem se demonstrado promissora para o maior conhecimento dos usos linguísticos.

REFERÊNCIAS

BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BOOIJ, G. Morphology in Construction Grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 255-273.

BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, G.; SMIRNOVA, E. "Paradigmatic integration": the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, K. et al. (ed.). *Grammaticalization and language change – new reflections*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012. p. 111-131.

GIVÓN, T. *A compreensão da gramática*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez/Edufrn, 2012.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? *Vienna English Working Papers*, v. 18, n. 2, p. 3-23, 2009.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

ROCHA, R. A. *O esquema [LocV]_{connect}: mudanças construcionais e construcionalização*. 2016. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP: Online), v. 60, p. 233-259, 2016.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VAN DE VELDE, F. Degeneracy: the maintenance of constructional networks. In: BOOGAART, R.; COLLEMAN, T.; RUTTEN, G. (ed.). *Constructions all the way everywhere: the extending scope of construction grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2014.